

O GÊNESIS, O LOGOS E OS PRÓLOGOS: LINGUAGEM CRIACIONISTA NO EVANGELHO E NA PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

RESUMO

O presente artigo discorre sobre a relação entre a narrativa da criação registrada em Gênesis, o prólogo do evangelho de João e o prólogo de sua primeira carta. O texto está dividido em três partes: o Gênesis e o Logos; o Logos e os Prólogos e Os Prólogos de João. Na primeira parte, discute-se a ligação entre as expressões “no princípio criou Deus” (Gn 1:1) e “no princípio era o verbo” (Jo 1:1); na segunda parte, analisa-se a maneira como algumas expressões de João 1 correspondem a expressões de Gênesis 1 (e.g., Gn 1:2-3; Jo 1:5; 1 Jo 1:5), evidenciando o interesse de João em mostrar que o poder exercido pelo Logos na Criação é o mesmo que restaura no homem a imagem e semelhança de Deus. Na última parte, são estabelecidas pontes de contato entre o prólogo da primeira carta e o prólogo do evangelho, a fim de fortalecer a correspondência deste com a abertura do livro de Gênesis.

Palavras-chave: Logos. Criação. Prólogos de João

ABSTRACT

The presented article talks about the relationship between the narrative of the registered Creation in Genesis, the prologue of John's gospel and the prologue of his first letter. The text is divided in three parts: the Genesis and the Logos, the Logos and the Prologues and the Prologues of John. In the first part, it's discussed the bonds between the expressions “In the beginning created God” (Genesis 1:1) and “In the beginning was the Word” (John 1:1); in the second part, it's analysed the manner in which some expressions of John chapter 1 correspond to the expressions of Genesis chapter 1 (e.g. Genesis 1:2-3; John 1:5; 1 John1:5), showing the interest that John has in showing the power of the

¹ Professor de Línguas Bíblicas e Novo Testamento no SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino, mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, mestrando em Teologia Bíblica e bacharel em Teologia pelo SALT-IAENE e licenciado em Letras Vernáculas pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, BR 101, KM 197 - Cx. Postal 18 – Capoeiruçu – Cachoeira – BA – Brasil – CEP 44300-000 – Tel. (75) 3425 8318, <adeniltonaguiar@gmail.com.br>.

Logos in Creation is the same that restores men in the image and likeness of God. In the last part, it's established contact bridges between the prologue of the first letter and the prologue of the gospel, as a goal to strengthen the correlation of these with the opening of the book of Genesis.

Key-Words: Logos. Creation. Prologues of John

INTRODUÇÃO

Alguns estudiosos têm percebido pontes de contato entre o prólogo do evangelho de João e a narrativa da criação encontrada em Gênesis. A correlação entre os dois textos não é algo que se restringe a alusões acanhadas, como a luz turva que se perde no fim de um túnel; ao contrário, dessa correspondência dimana um brilho que poderá se mostrar tímido, no início, porém gradativamente mais forte e envolvente à medida que novos vislumbres vêm à tona.

Obviamente, não há razão para se afirmar que os versos que compõem o primeiro capítulo do evangelho e da primeira carta de João ofereçam um relato sobre a criação. No entanto, a linguagem utilizada e a estrutura de algumas sentenças permitem que ao menos se perceba a beleza da intertextualidade entre os prólogos de João e a abertura do primeiro livro do Bíblia.

Com o objetivo de mostrar que o Verbo que veio ao mundo (Jo 1:14) é o mesmo por meio de quem todas as coisas foram feitas (Jo 1:3) na criação, João usa uma linguagem que faz alusão ao relato de Gênesis. Não apenas isto, a correspondência entre os textos envolvidos aponta para uma questão essencial no pensamento joanino: o mesmo poder que agiu na criação é o que age no homem após o pecado, a fim de restaurá-lo à posição da qual caíra. Para sustentar esta visão, João traça uma linha de raciocínio cujo *background* remonta a Gênesis 1, i.e., a obra da criação é um trabalho de equipe; o Verbo é o instrumento de toda a criação; o Verbo não cria, apenas, Ele dá sentido à criação; o Verbo é a voz de Deus na criação; assim como Adão saiu das mãos de Deus, João Batista é um homem “enviado de Deus” (Jo 1:6).

Por fim, veremos que a correlação entre o prólogo da primeira carta e o prólogo do evangelho reforça o argumento de que há uma forte correspondência entre o prólogo do evangelho e Gênesis 1.

O GÊNESIS E O LOGOS

O evangelho de João começa com a expressão “no princípio”. A mesma que encontramos no início do relato da criação, no primeiro

verso do livro de Gênesis. Beasley-Murray² defende que esta expressão não se refere aqui “ao ato da criação, mas àquilo que existia quando a criação veio a ser, ou seja, a Palavra”.³ De fato, o termo *logos*⁴ é enfatizado por João nos dois primeiros versos de tal modo que surpreende o leitor. Enquanto o livro de Gênesis nos traz a informação de que “no princípio... Deus”, João nos diz que “no princípio... o Verbo”.

Conforme nos lembra Tosaus Abadía,⁶ “nas línguas bíblicas e nas principais línguas europeias, o lugar de maior destaque é o começo da oração”. Nesse sentido, a palavra “princípio” (*archē*) assume um valor importante para a compreensão da mensagem do prólogo do evangelho de João e sua relação com o livro de Gênesis (Jo 1:1-4). O Novo Testamento consta de cinquenta e cinco ocorrências desta expressão, dentre as quais vinte e uma estão registradas nos escritos joaninos (8 no evangelho; 8 em 1 João; 2 em 2 João e 3 no Apocalipse),⁷ o que representa quase a metade de todas as ocorrências no Novo Testamento. Porém, um dado importante diz respeito ao fato de que a estrutura sintática de Jo 1:1 não se repete em nenhum outro lugar do Novo Testamento. O mais próximo que temos está registrado em 1 Jo 1:1: “o que era desde o princípio. A impressão que isto causou aos leitores da época de João pode ser resumida nas palavras de Boice:⁸ “os primeiros versos deste evangelho, incluindo o termo “Verbo”, remete um judeu às primeiras palavras do livro de Gênesis, onde nos é dito que no princípio Deus falou e todas as coisas vieram à existência”. O quadro abaixo contribuirá para uma melhor compreensão deste ponto:

Gênesis 1:1 ⁸			João 1:1		
Modificador verbal	Verbo	Sujeito	Modificador Verbal	Verbo	Sujeito
No princípio	criou	Deus	No princípio	era	o Verbo

² BEASLEY-MURRAY, G. R. John. In.: MARTIN, R. P. **Word biblical Commentary**. 2 ed. Dallas: Word Incorporated, 2002, v. 36. p.10

³ Palavra grega comumente traduzida por *Palavra*, *Verbo*, (e.g., “no princípio era *Logos*, e o *Logos* estava com Deus, e o *Logos* era Deus - Jo 1:1).

⁴ Todas as citações oriundas de fontes em língua inglesa foram traduzidas pelo autor.

⁵ Salvo indicação, a versão brasileira da Bíblia, adotada neste trabalho, é a Almeida Corrigida Fiel (ACF).

⁶ TOSAUS ABADÍA, José Pedro. **A bíblia como literatura**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 194.

⁷ Teste de ocorrências realizado a partir do Bible Works Software.

⁸ BOICE, J. M. **The gospel of John: the coming of the light**. Grand Rapids: Baker Books, 2005, v. 01. p.34

⁹ Para o leitor menos familiarizado com as línguas originais da Bíblia, torna-se importante a informação de que os textos originais aparecem na mesma ordem sintática que é apresentada no quadro.

Balz e Schneider¹⁰ afirmam que, no prólogo do evangelho, a palavra *ἀρχή* é usada como uma referência à essência e existência de Jesus, no sentido de que ele é anterior ao tempo e à criação. Desse modo, o “Verbo” de João equivale ao “Deus” criador do Gênesis; e a forma verbal “era” equivale à forma verbal “criou”. Boice¹¹ lança luz sobre esta discussão ao comentar que o uso do termo “verbo” é mais significativo para a mente de um judeu do que é para nós hoje, visto que para um judeu uma palavra soa como algo concreto. Uma palavra falada é um ato praticado. Quando Deus fala, algo é feito. Deus disse: “haja luz” e “houve luz” (Gn 1:3). Este autor conclui que

Assim, o judeu estaria de alguma forma preparado para o pensamento de que o Verbo de Deus pudesse de alguma forma ser visto, tocado e ouvido. [...] Não seria totalmente estranho para um judeu aprender, como indica o autor de Hebreus (1:1-2), que “havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho”.

O uso da forma verbal “era”, a qual deriva do verbo *eimi* “ser”, contrapõe-se a outro verbo de ligação muito usual no Novo Testamento (*egēneto*) o qual aparece em Jo 1:14: “o verbo tornou-se (*egēneto*) carne”. A diferença semântica entre esses dois verbos consiste em que o segundo, embora também possa significar “ser”, originalmente significa “tornar-se”.¹² Assim, apesar do forte efeito de sentido que a abertura do prólogo provoca em face de sua correspondência com a abertura do Gênesis, há uma questão mais profunda do que o simples fato de dizer que Deus estava “no princípio”. Não houve um ponto na linha do tempo em que o “Verbo tornou-se Deus”, ele sempre foi Deus; e, como Deus, não somente não tem princípio como é anterior ao ato criativo de Gênesis 1. Ulmer¹³ explica que “o princípio é o começo de algo, mas, para que alguém estivesse ‘no princípio’, seria preciso existir antes de ‘o princípio’ começar”. Com base nesta linha de raciocínio, João pode concluir que “todas as coisas foram feitas por intermédio dele [do Logos], e, sem ele, nada do que foi feito se fez” Jo 1:3.

¹⁰ BALZ, H. R. & SCHNEIDER, G. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, v. 01. p.162

¹¹ BOICE, J. M. **The gospel of John: the coming of the light**. Grand Rapids: Baker Books, 2005, v. 01. p.34

¹² LIDDELL, H. G., SCOTT, R. J & MCKENZIE, R. **A greek-english lexicon**. Oxford; New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 1996. p. 349

¹³ ULMER, Kenneth. **Anatomia Divina**. Tradução: James Monteiro dos Reis. São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 117

O LOGOS E OS PRÓLOGOS

Esta parte do artigo buscará tecer uma discussão sobre a relação existente entre expressões que aparecem na abertura do livro de Gênesis, as quais ecoam nos prólogos de João, à exceção das expressões “no princípio criou Deus...” Gn 1:1 e “no princípio era o verbo...” Jo 1:1, uma vez que já se ofereceu um comentário para elas na seção anterior. Ainda que, nesta seção, sejam apresentados vislumbres dos ecos de Gênesis no prólogo da primeira carta de João, maiores comentários serão feitos na seção seguinte, tendo em vista que esta tratará da relação entre a primeira carta e o evangelho. É importante lembrar que a palavra *prólogo*, conforme indica sua origem grega¹⁴, significa *aquilo que vem antes do discurso*, ou, para dizer em uma só palavra, *abertura, introdução*. Neste sentido, podemos afirmar que a perícopes que vai de Gn 1:1 a Gn 2:3¹⁵ é o prólogo do livro de Gênesis, e que, assim, o Logos é o eixo temático que entrelaça os três prólogos.

A fim de facilitar a compreensão dos dados a serem analisados, observe-se o quadro abaixo:

PRÓLOGO DE GÊNESIS	PRÓLOGO DO EVANGELHO	PRÓLOGO DE 1 JOÃO
No princípio criou Deus – 1:1	No princípio era o Verbo – 1:1	O QUE era desde o princípio – 1:1
Criou Deus - 1:1; Façamos o homem à nossa imagem – 1:26	O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus – 1:1-2.	Que estava com o Pai – 1:2
ASSIM os céus, a terra e todo o seu exército foram acabados – 2:1	Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez – 1:3	o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida – 1:1

¹⁴ Cf. LUST, J., EYNIKEL, E., & HAUSPIE, K. **A greek-english Lexicon of the Septuagint**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2003.; PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego**. 8. ed. Largo das Teresinhas: Apostolado da Imprensa, 2006.

¹⁵ Diversos eruditos compartilham a visão de que esta perícopes configura uma nota introdutória ao livro de Gênesis; para mencionar apenas alguns, conferir WENHAM, G. L. Genesis 1-15. In.: WATTS, J. D. W. **Word biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 01; MATHEWS, K. A. Genesis 1-11:26. In.: CLENDENEN, E. R. **The New American Commentary**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996; SKINNER, J. Genesis. In.: **A critical and exegetical Commentary**. New York: Scribner, 1910.

Havia trevas [...]. E disse Deus: haja luz ; e houve luz – 1:2-3	E a luz resplandece nas trevas – 1:5	Deus é luz , e não há nele trevas nenhuma – 1:5
Haja luminares [...] para iluminar a terra – 1:14-15	a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo – 1:9	se andarmos na luz [...], o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado – 1:7
E disse Deus... E disse Deus... 1:3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26, 29	O Verbo... O Verbo... O Verbo – 1:1-2	O que... O que... O que – 1:1-3
E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem – 1:26	Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. – 1:6	O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos – 1:3

A OBRA DA CRIAÇÃO É UM TRABALHO EM CONJUNTO (GN 1:1,26; JO 1:1-2; 1 JO 1:2)

Sabemos que “Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas”¹⁶. Estas três pessoas sempre existiram, sempre estiveram juntas e em harmonia. Scheffel (2003, p. 17-18) comenta que o fato de a Bíblia afirmar que Deus é amor é um poderoso argumento em favor da Trindade, uma vez que para que alguém ame é necessário que haja alguém a quem amar.

A Bíblia afirma que Deus, ao formar o homem, agiu em conjunto (cf. Gn 1:26); também nos informa que “o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas (cf. Gn 1:2)”; João, por sua vez, assegura-nos que o Logos estava lá, no “princípio” (cf. Jo 1:1). Por este viés, torna-se mais fácil compreender o uso tão comum da palavra para Deus na Bíblia Hebraica – *‘lohiym*¹⁷. A desinência *im*, em hebraico, é geralmente

¹⁶ BRESEE,, W.F. (org.). **Nisto Cremos**. Tradução de Hélio L. Grellmann. 7. ed. São Paulo: CPB, 2003. p. 31

¹⁷ A palavra *‘lohiym* ocorre mais de seiscentas vezes na Bíblia Hebraica; em contrapartida, a mesma palavra, no singular, *‘lohā*, ocorre menos de cem vezes. Embora alguns acreditem que Deus estaria utilizando aqui o que hoje chamamos de plural majestático, é mais razoável aceitar que esta nada mais é do que a tentativa de acomodar um conceito moderno a um texto antigo. Se o uso do plural majestático na Bíblia fosse algo comum, os reis deveriam fazer uso dele, o que não ocorre. Concorda-se com o pensamento de Mathews (1996, p. 163): “Embora a [doutrina da] Trindade Cristã não possa ter derivado apenas do uso do plural [nos capítulos iniciais de Gênesis], uma pluralidade dentro da unidade da Divindade pode derivar da passagem. Esta era a

empregada para estabelecer o plural de substantivos e adjetivos masculinos, ou outras palavras que assumam estas funções lexicais (e.g., o particípio). Assim, é como se o texto estivesse dizendo: “No princípio Deuses criou”. Esta ideia é confirmada em Gn 1:26, quando lemos: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança”. Há, neste texto, três palavras que expressam pluralidade: façamos (verbo na primeira pessoa do plural) e as expressões “nossa imagem” e “nossa semelhança”, as quais possuem um pronome possessivo também na primeira pessoa do plural.

Se bem que João tenha escrito seu evangelho em língua grega, e que a Septuaginta tenha sido seu texto de referência, certamente ele estava muito familiarizado com o texto massorético. Haenchen¹⁸ afirma que a maioria dos eruditos está hoje inclinada a aceitar a visão de que o autor de fato escreveu em Grego, mas que pensava semiticamente. Portanto, é natural que João queira enfatizar não apenas que o Verbo é Deus, mas que o Verbo estava com Deus, a fim de deixar claro que se trata de duas pessoas distintas¹⁹. A palavra *pros*, em Jo 1:1: “O verbo estava com (*pros*) Deus”, é uma preposição que, comumente, indica companhia. A ideia é reiterada em 1 Jo 1:2 “Que estava com (*pros*) o Pai”. Assim, o ato criativo de Deus não é uma ação individual, mas um empreendimento coletivo, que envolve a pessoa do Verbo, através de quem nada do que foi feito poderia ter sido feito (Jo 1:3).

O LOGOS COMO INSTRUMENTO DE TODA A CRIAÇÃO (GN 2:1; JO 1:3; 1 JO 1:1)

Se pudéssemos juntar em um único texto as informações registradas em Gn 2:1 e Jo 1:3, teríamos como produto uma declaração que, sem a necessidade de qualquer adaptação, faria muito sentido: “Assim, os céus, a terra e todo o seu exército foram acabados. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”.

linha principal de argumento entre os Reformadores, que expandiram este pensamento, apelando para o apoio do Novo Testamento. Nossa passagem descreve o resultado do ato criativo de Deus tanto através de pronomes no singular quanto através de pronomes no plural: o possessivo plural “à nossa imagem”, no v.26 e o pronome singular “sua imagem”, no v.27. Aqui, a unidade e pluralidade de Deus estão em questão. O plural indica uma conversação intradivina, uma pluralidade na Divindade [...].”

¹⁸ HAENCHEN, E. John 1-6: a Commentary on the Gospel of John. In.: FUNK, R. W & BUSSE, U. **A critical and historical Commentary on the Bible**. Philadelphia: Fortress Press, 1984. p. 56, 109

¹⁹ Não constitui interesse nem objetivo deste trabalho fazer uma exposição de como as implicações deste texto corroboram para a doutrina da Trindade. Para quem queira uma exposição mais ampla do assunto, recomenda-se a leitura do livro *Trindade*, publicado pela Casa Publicadora Brasileira.

White,²⁰ percebendo esta relação entre o prólogo de João e a narrativa da criação do livro de Gênesis, comenta que

só com o auxílio daquele Espírito que, no princípio “Se movia sobre a face das águas” (Gên. 1:2); daquela Palavra pela qual “todas as coisas foram feitas” (João 1:3); daquela “Luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo” (João 1:9), pode ser devidamente interpretado o testemunho da ciência.

Um dado importante sobre Jo 1:3a diz respeito ao uso da preposição *dia*: “todas as coisas foram feitas por (*dia*) ele”, uma vez que o seu sentido é ambíguo neste texto. Como a oração consta de uma forma verbal na voz passiva “foram feitas”, ela pode, simplesmente, estar introduzindo o agente da passiva “por ele”, como acontece em Jo 1:17: “Porque a lei foi dada por (*dia*) Moisés”; outra possibilidade é a preposição *dia* estar sendo usada com sentido instrumental. Neste caso, ela poderia ser traduzida como *através de*, *por meio de*. Que a ambiguidade faz parte do estilo joanino, é algo comumente percebido por eruditos do Novo Testamento²¹. Ademais, Beasley-Murray²² comenta que o evangelho de João, “do ponto de vista literário é uma composição intimamente entrelaçada, construída com talento artístico confirmado”, o que comprova a habilidade de João de utilizar a ambiguidade como um recurso estilístico. Neste caso é possível que ele estivesse afirmando ambas as coisas: 1) que Jesus é o agente da ação criadora; 2) que Jesus é o instrumento da ação criadora. De modo geral, não se pode negar uma coisa nem outra. Duas versões em língua portuguesa podem ser mencionadas a fim de representar a ambiguidade do texto. A ACF (Almeida Corrigida Fiel) apresenta a seguinte tradução: “todas as coisas foram feitas *por* ele”; por sua vez a ARA (Almeida Revista e Atualizada) traduziu assim: “todas as coisas foram feitas **por intermédio dele**”.

A esta altura, são elucidativas as palavras de Lange e Schaff,²³ ao afirmarem que “o Filho é a causa instrumental [da criação], e o Pai a causa eficiente. O Filho nunca trabalha por Si mesmo, mas sempre

²⁰ WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. 16 ed. Tatuí: CPB, 2003. p.530

²¹ Cf. HAENCHEN, E. John 1-6: A Commentary on the Gospel of John. In.: FUNK, R. W & BUSSE, U. **A Critical and Historical Commentary on the Bible**. Philadelphia: Fortress Press, 1984, p. 231; BERNARD, J. H. The Gospel According to St. John. In: McNEILE, A. H. **A Critical and Exegetical Commentary**. New York: C. Scribner’ Sons, 1929, v. 01, p. 10,50,166; v. 02, p. 264,704; HAAS, C. J., JONGE, M. & SWELLENGREBEL, J. L. **A Handbook on the Letters of John**. New York: United Bible Societies, 1972, p. 1, 95.

²² BEASLEY-MURRAY, G. R. John. In.: MARTIN, R. P. **Word biblical Commentary**. 2 ed. Dallas: Word Incorporated, 2002, v. 36. p. 04

²³ LANGE, J. P., & SCHAFF, P. **A Commentary on the Holy Scriptures**: John. Bellingham: Logos Research Systems, 2008. p. 57

como revelador do Pai e executor da Sua vontade”. Ou seja, o Verbo é o instrumento da criação, no sentido de que não age independentemente da vontade do Pai, e é agente, no sentido de que executa esta vontade.

O LOGOS NÃO CRIA APENAS; ELE DÁ SENTIDO À CRIAÇÃO (GN 1:2-3,15; Jo 1:5,9; 1 Jo 1:5,7)

Bernard²⁴ acredita que o pensamento chave em João 1:5: “e a luz resplandece nas trevas” é a história da criação da luz, a qual afugenta a escuridão do caos. Porém, chama a atenção para o fato de que esta é uma história que se repete no campo espiritual. Blaiklock,²⁵ por sua vez, vê a luz em João 1, como uma metáfora do poder mantenedor e restaurador de Deus. Seu pensamento é expresso nos seguintes termos:

Deus é luz. A imagem é satisfatoriamente completa. A Luz penetra nas profundezas do espaço inimaginável, além dos limites da visão humana. [...] Sem luz não há visão, não há panorama da realidade, não se pode caminhar com confiança, [...] não há saúde, não há vida. [...] Mas, como Deus, a luz existe por si mesma, independente daquilo que ilumina.

Para usar as palavras de Beasley-Murray,²⁶ esta “luz do Logos brilhou na escuridão primordial da criação, e continuou brilhando em meio à escuridão de uma humanidade caída”. De fato, João fala da luz considerando o contexto de uma criação que desfigurou em face do pecado. Isto fica claro em 1 Jo 1:9, onde encontramos a afirmação de que “se andarmos na luz [...], o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”. Contudo, nas palavras de João se pode ouvir um eco da narrativa da criação. Em Jo 1:9, a informação de que “a luz verdadeira [...] ilumina a todo o homem que vem ao mundo” relembra “haja luminares [...] para iluminar a terra” Gn 1:14-15. Assim, o poder que operou na criação é o mesmo poder que está à disposição do homem, a fim de livrá-lo do pecado e restaurá-lo à imagem de Deus.

Ademais, O termo “trevas” (*skotia*) é usado frequentemente em João (cf. 1:5a; 8:12; 12:35a,b,46) e 1 João (cf. 1:5; 2:8,9,11a,b,c) para indicar escuridão de espírito ou de alma.²⁷ Tal termo relembra o estado da terra antes da ação da Luz: “a terra era um deserto e uma vacuidade,

²⁴ BERNARD, J. H. The gospel according to St. John. In: McNEILE, A. H. **A critical and exegetical Commentary**. New York: C. Scribner's Sons, 1929.

²⁵ BOICE, J. M. **The Gospel of John: The coming of the light**. Grand Rapids: Baker Books, 2005, v. 01. p. 45

²⁶ BEASLEY-MURRAY, G. R. John. In.: MARTIN, R. P. **Word biblical Commentary**. 2 ed. Dallas: Word Incorporated, 2002, v. 36. p. 11

²⁷ BALZ, H. R & SCHNEIDER, G. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, v. 01. p. 255

e havia escuridão sobre a face do abismo²⁸ Gn 1:2. Por este viés, a escuridão torna-se uma espécie de metáfora para a perda de sentido da vida, e a Luz é o meio através do qual o homem pode recuperá-lo.

O LOGOS, A VOZ DE DEUS NA CRIAÇÃO (GN 1:3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26, 29; Jo 1:1-2; 1 Jo 1:1-3)

*Para que as palavras invadam o coração das pessoas e ali frutifiquem, é preciso que sejam corretamente formadas, de tal modo que consigam romper as defesas do ser humano e explodir, de maneira silenciosa e eficiente, em suas mentes.*²⁹

O livro de Hebreus nos diz que “havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho” (cf. Hb 1:1). É impossível exagerar a força destas palavras. No livro de Gênesis, a expressão “e disse Deus” (*wayō ’mer ’lohiym*) aparece vinte vezes;³⁰ somente no capítulo um há nove ocorrências. Ulmer³¹ afirma que a expressão “segundo a boca de Deus” acontece vinte e quatro vezes no Antigo Testamento. E acrescenta que

A Bíblia [...] nunca defende a existência de Deus. Ela jamais debate o assunto, pois supõe a presença de Deus já em suas primeiras palavras: “No princípio Deus”. [...] No princípio, Deus, que tem existência em si mesmo criou o princípio, começou criando do nada. Ele fez isso falando.³²

Ulmer³³ continua sua reflexão, afirmando que Jesus usou quinze vezes a expressão “aquele que tem ouvidos ouça”. É interessante notar que o verbo “ouvir” (*akouío*) ocorre 428 vezes no Novo Testamento. João é responsável por, praticamente, um quarto dessas ocorrências – 121 vezes. É como se João estivesse tentando dizer: “o Logos é a voz de Deus, ouçam-no”.

O uso que João faz do termo Logos faz ressoar a voz que se ouviu na semana da criação. Esta voz vem falando desde então, conforme se pode observar a partir de White:³⁴

²⁸ Tradução do autor.

²⁹ Phillips apud: ULMER, Kenneth. **Anatomia divina**. Tradução: James Monteiro dos Reis. São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 113

³⁰ Teste de ocorrências realizado a partir do Bible Works Software.

³¹ ULMER, Kenneth. **Anatomia divina**. Tradução: James Monteiro dos Reis. São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 116

³² Ibid. p. 117

³³ Ibid. p. 121

³⁴ WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. 16 ed. Tatuí: CPB, 2003. p. 311

Foi-lhes então dada esta mensagem da parte de Jeová: “Eis que Eu envio um Anjo diante de ti, para que te guarde neste caminho, e te leve ao lugar que te tenho aparelhado. Guarda-te diante dEle, e ouve a **Sua voz**³⁵, e não O provoques à ira, porque não perdoará a vossa rebelião; porque o Meu nome está nEle. Mas, se diligentemente **ouvires a Sua voz**, e fizeres tudo o que Eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos, e adversário dos teus adversários.” Êxo. 23:20 **Durante todas as vagueações de Israel, Cristo, na coluna de nuvem e fogo, foi o seu dirigente.** Ao mesmo tempo em que havia tipos que apontavam para um Salvador vindouro, havia também **um Salvador presente**, que dava ordens a Moisés para o povo, e que diante deles fora posto como o único conduto de bênção.

A voz é a mesma desde o Éden. Apenas a forma de descrevê-la muda de configuração. Enquanto no Gênesis ela é descrita a partir da expressão “e disse Deus”; no evangelho, João a descreve através do termo “logos”, e a retoma através do pronome relativo “que”, na primeira carta. Isto, porém, será comentado na próxima seção.

O LOGOS E OS REPRESENTANTES DA CRIAÇÃO (GM 1:26; Jo 1:6; 1 Jo 1:3)

A narrativa da criação do Gênesis apresenta Adão como o representante de toda a criação. Este pensamento fica claramente expresso a partir da declaração: “façamos o homem à nossa imagem [...] e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra”. Algumas questões enfatizam a noção de domínio exercido pelo homem. Este domínio alcança os animais do mar, dos céus e da terra; além disso, as expressões “toda a terra” e “todo o réptil” configuram uma linguagem universalista, a qual demonstra que o homem representa a criação como um todo.

Se bem que a Bíblia apresenta Jesus como o segundo Adão (cf. Rm 5), e, por conseguinte, como representante da raça caída, o qual veio ao mundo para restaurar no homem a imagem de Deus conforme este lhe outorgara na criação, João apresenta João Batista como um porta-voz de Deus, porém não como um segundo Adão, mas como alguém que o introduz: “houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era a luz, mas para que testificasse da luz” (Jo 1:6-8). Assim como Adão saiu das mãos de Deus, João Batista foi um “enviado de Deus”. Assim como Adão deveria comunicar aos

³⁵ Grifos acrescentados.

seus descendentes o conhecimento de Deus, João Batista foi enviado “para que todos cressem por ele”. Eles não eram a luz, “mas para que testificassem da luz”. Na primeira carta, João amplia esta ideia, ao não restringir a João Batista o papel de precursor do Logos: “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos”. Em outras palavras, João Batista anunciou que o Logos havia chegado ao mundo, em forma humana, e o sujeito de “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos” anuncia o Logos a quem ainda não o ouviu nem o viu. Isto inclui a cada um de nós.

OS PRÓLOGOS DE JOÃO

Nesta seção, buscar-se-á uma interação entre o prólogo da primeira carta e o prólogo do evangelho, contemplando as correspondências que foram introduzidas porém não discutidas na seção anterior.

Beasley-Murray³⁶ afirma que “o prólogo é uma instrução ao leitor de como todo o evangelho deve ser lido”. Smalley³⁷ faz um comentário semelhante, porém em relação ao prólogo da primeira carta. Ele comenta que a parte mais complicada dessa perícopes diz respeito à expressão “Palavra da vida” 1 Jo 1:1, e dela depende a compreensão de toda a passagem. A intrínseca relação entre 1 Jo 1:1-4 e o evangelho de João é comentado por ele da seguinte forma:

O prefácio a 1 João contém reflexões óbvias da introdução ao Quarto Evangelho; e isto sugere a probabilidade de que o evangelho, em sua forma final, incluindo o prólogo, foi escrito antes de 1 João. Note-se, no v.1, o uso de ἀπ’ ἀρχῆς (“desde o princípio” cf. João 1:1, ἐν ἀρχῇ, “no princípio”; [...] Note-se também o pensamento da “vida revelada” (1 João 1:2 = João 1:4,9), e da Encarnação como uma realidade histórica que demanda resposta (1 João 1:1-3 = João 1:9-14). Se os versos de abertura de 1 João pretendem ecoar a introdução ao Evangelho de João, então, pode-se dizer que a “Palavra (Logos) da vida” é pessoal, e finalmente descreve o próprio Jesus.

O pensamento acima é a chave para compreender a estranha estrutura sintática da abertura da primeira carta. Não encontramos em toda a literatura neotestamentária nenhum outro livro que apresente uma abertura que ao menos se assemelhe à abertura de Primeira João. Este livro começa com um pronome relativo, o qual, como sabemos, recupera um substantivo que já foi mencionado. A propósito, há uma sequência de diversos pronomes relativos. Somente no verso um, são quatro: “o que

³⁶ BEASLEY-MURRAY, G. R. John. In: MARTIN, R. P. **Word biblical Commentary**. 2 ed. Dallas: Word Incorporated, 2002, v. 36. p. 5

³⁷ SMALLEY, S. S. 1, 2, 3 John. In: MARTIN, R. P. **Word biblical Commentary**. Dallas: Word, 1984, v. 51. p. 5

era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado”. A estrutura deixa claro que a intenção é introduzir um texto como a continuação de outro; mais especificamente, a primeira carta como a continuação do quarto evangelho.

Surge uma questão inevitável: se a primeira carta é uma espécie de continuação do evangelho, então os propósitos se equivalem. De maneira mais estrita, possivelmente esta não é uma assertiva verdadeira, porém, de modo geral, sim. João escreve seu evangelho a fim de mostrar que o Logos encarnado é Deus plenamente, e escreve a primeira carta para desenvolver no crente a segurança de vida eterna por meio do Logos encarnado.³⁸

Conforme mencionamos na seção anterior, entendemos que, ao João utilizar uma linguagem criacionista, a qual faz ressoar o prólogo de Gênesis, ele pretende evidenciar que o poder exercido pelo Logos na criação é o mesmo poder que pode restaurá-la. Nesse sentido, a mensagem de segurança de vida eterna por meio do Logos ratifica a mensagem do evangelho.

Em 1 Jo 1:2, a expressão “estava com o Pai” reforça a ideia de que a criação é um trabalho de equipe. A declaração encontrada em 1 Jo 1:1: “o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida” apela aos órgãos dos sentidos: ouvimos (audição); vimos/com os nossos olhos/que temos contemplado (visão); as nossas mão tocaram (tato), e, desse modo, reforça o argumento de que o Logos veio até nós, e de que, sendo a “Palavra da vida”, pode devolver-lhe o sentido. No princípio, ele criou; agora, veio para recriar, para restaurar. Os pronomes relativos em 1 Jo 1:1-3 retomam a ideia de que o Logos continua agindo, falando, de que ele é a voz de Deus, que cria e recria. E, por fim, em 1 Jo 1:3, a sentença: “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos” reitera a noção de que o Logos precisa de representantes, de cooperadores, na obra de recriação do homem à imagem e semelhança de Deus.

CONCLUSÃO

Balz e Schneider,³⁹ falando sobre o uso de *logos* no prólogo do evangelho de João, comentam que, ali, este termo se refere a Jesus quanto à sua preexistência eterna (v. 1a), ao seu relacionamento pessoal com o Pai (v. 1b,2), sua função abrangente na criação (v.3) e sua obra

³⁸ MILLS, M. **Letters from John: a study guide to I, II and III John**. Dallas: 3EMinistries, 1997.

³⁹ BALZ, H. R & SCHNEIDER, G. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, v. 01.p. 359

de salvação (mediando “luz” e “vida”) do mundo (v.4).

Por fim, este artigo não defende a ideia de que haja uma correspondência clara entre o prólogo de 1 João e o prólogo de Gênesis. Existe uma correspondência, porém entre o prólogo de Gênesis e o prólogo do evangelho, e entre os prólogos de João. Não obstante, sustenta que a correlação entre estes fortalece a correspondência entre aqueles, e que tal correspondência aponta para um Logos que estava com o Pai na criação, que executa a Sua vontade ao exercer o seu poder criador, e que vem ao mundo, a fim de recriar, ou, em outras palavras, para restaurar no homem o status que lhe foi outorgado na criação – a imagem e semelhança de Deus.